

PARECER LAVRADO PELO SÓCIO EFETIVO JOSÉ DE SOUSA MONTEIRO ACERCA DA CANDIDATURA DO ESCRITOR MACHADO DE ASSIS

De todas as qualidades que distinguem Machado de Assis três cativam por certo mais a atenção e o agrado. São elas, a meu ver, que melhor o definem e caracterizam. Dessas três aponto duas desde já: a fecundidade e o *humour*. A terceira direi depois. Um belo arremate e fecho de ambas.

A antiguidade grega e a romana dividia, pode dizer-se, os artistas, os poetas, os *dii majores*, é claro, - que dos *de somenos* conta, dos *dii minores*, pouco se deu ela e, como ela, se deu pouco a posteridade, - em fecundos e em perfeitos. Há os que simultaneamente foram perfeitos e fecundos. É certo. Esses porém são raros, raríssimos, como os privilegiados em tudo e sempre e em toda parte devem ser e são. Assim, ainda para a própria Grécia, que parece ter sido quem unicamente, se alguém o conseguiu neste incompleto mundo, atingiu a perfeição nas coisas do homem, a abundância era julgada qualidade suma. Quem a possuía merecera de certo especial carinho dos imortais sempre estreitos e avaros de seus dons. É assim que a Sófocles reconheceu a pátria generosa talvez, de certo agradecida da glória que lhe vinha dele, nada menos de que 103 tragédias; de Ésquilo, se pretendeu que poetara, quando menos, umas 72; e a Eurípedes atribuíram os Alexandrinos, de mais estreita mão, 75 dramas trágicos e satíricos.

Ora, por esta qualidade, em todo tempo havido por primaria, primariamente se assinala o romancista das *Histórias da meia noite*. É assaz longa a lista dos volumes em prosa e em verso, menos em verso do que em prosa, que seu nome firma e recomenda a justo aplauso. São de todos conhecidos em Portugal e no Brasil os *Papéis avulsos*, a *Ressurreição*, os *Contos fluminenses*, a *Helena*, as Memórias póstumas de Brás Cubas, as *Histórias sem data*, as *Várias histórias*, a *Mão e a Luva*, os *Americanos*, as *Falenas*. Citei tantos e ainda não citei todos. Mais de vinte volumes. Todos, os que cito e os que por brevidade omito, denunciam este escritor por amado dos deuses, e seu privilegiado familiar. Fundadíssima denúncia. Mas notar-se-á que a denunciada prenda é testemunho irrecusável de outra que todos nesta casa acatam quanto devem. Por mais altos que sejam os dotes recebidos não se concebe e realiza tanto sem entranhado amor ao trabalho, nossa pena e nossa glória.

A segunda qualidade mais característica do escritor que me ocupa é coisa que há muito passa por nascida de ontem. Mero engano. Não seria ela por isso de menos valia. Mas não é nascida de ontem. Também a conheceu a antiguidade. Simplesmente conheceu-a e cultivou-a sob formas que lhe são peculiares. Não apreciamos, não sentimos hoje nós o *humour*, o chiste, a graça da Grécia e Roma. Não se crerá porém que nada disso exista, que lá não existisse quando menos. Existiu. Está já morto e frio; mas existiu, teve alma. De seu lastimável estado de hoje não é ele culpado certamente. Também o não seremos nós. Culpado é unicamente o tempo decorrido, a natureza humana que mudou. É este o ponto, no respeitante a obras de arte, em que ela principalmente e mais depressa muda. Ninguém, muito embora versadíssimo na língua que foi glória da Grécia, que o é e será sempre da humanidade, rirá com verdade e consciência dos chistes, agudezas e sainetes de Aristófanes, por exemplo, o maior dos cômicos da Hélade e um dos maiores do mundo. E não admira, o primeiro predicado que se perde é o de acordar o riso adormecido. Horácio já taxava duramente de insípidos os mais argutos ditos de seu Plauto, *plautinos sales*, com os quais, com lealdade mas com espanto o reconhece, se haviam largamente rido seus avós.

Recente porém ou velha, sujeita ou não a morte vizinha e eterna é uma bela e rara qualidade, esta. Quantos espíritos dos mais belos e louvados lhe devem sua glória e nosso aplauso. No norte da Europa, e no do novo mundo, principalmente Sterne ou Swift, Hoffmann e Paulo Richter, para só falar de reis, estão na memória e na admiração de todos. E no sul dos dois grandes continentes! Aí a temos com mais raridade, com pouco menos lustre em alguns casos. Pois nem sempre seus cristais brilhantes, muitas vezes frios, se derretem logo, como

tantos outros, ao calor dos trópicos. É vê-lo em Machado de Assis. Tem brilho e tons diversos o trasladado *humour*, tem. Mas não vale por isso menos. Não nos faz rir à solta, ao som de caixa batida, a bandeiras despregadas ao vento de uma alegria louca. Sem dúvida. Também nos não amargura, como se houvéssemos imprudentemente ingerido mares de fel, nem nos punge vivamente como buídos crises apertados duramente à carne sob a discreta mudez de suntuosas roupas. Mas refega-nos em um sorriso leve os lábios distraídos, e dá-nos à alma que dilata, com a noção dos ridículos inseparáveis do homem, como *humour* que é, a piedade que esses ridículos demandam da nossa fraqueza consciente e também de si infelizmente certa. É isso com efeito que desperta em nós a leitura das páginas tão finamente pensadas quanta vez e tão finamente escritas de suas novelas de maior alcance, de seus contos de mais breve tomo, que prefiro e muito àquelas, das graciosas e delicadamente irônicas páginas de *Um Alienista* ou de *O Segredo do Bonzo*, por exemplo. Ironia sem crueza, sorriso que se abre de longe em longe em riso franco, mas que nunca se escancara em gargalhada ruidosa e brutal. Ironia que de boa admoesta, sorriso que de amigo ensina. Ironia e sorriso que nascem do coração do escritor ou por ele passam e se impregnam e perfumam dele. Rescendem a indulgência e benignidade.

Sem embargo, porém, das excelências destes dotes, é pelos merecimentos do terceiro que eu mais o aplaudo e estreitamente estimo. Este escritor tão brasileiro pelo conhecimento instintivo e profundo que revela da vida, do querer, do sentir, da alma de seus conterrâneos, cujos erros e virtudes, defeitos e predicados desenha, pinta, avulta com segura mão, é por uma qualidade, pela que vou dizer agora, eminentemente português.

Não o conheço. Nunca me foi dado vê-lo. Dele jamais recebi direta ou indiretamente uma palavra. Toda a notícia que dele tenho deriva simplesmente de seus livros. Mas é para mim indubitável que existe em seu coração um grande afeto por esta terra, sua remota mãe e nossa mãe próxima, por esta terra cujas belezas são nosso enlevo, cujas virtudes são nosso desvanecimento, cujas grandezas são nossa glória, cujos infortúnios – remova-os Deus – são nossa dor. Por força. Desejava inquirir os que o conhecem. De certo confirmariam, com sua noção direta, o que meu espírito pressente com clareza tal que reputa vê-lo. Para que haja em sua pena tanto e tão intencional respeito pela língua portuguesa, pelo genio que a assinala, pelas tradições que a enobrecem, pelo que constitui o mais vivo de seu ser, é mister que haja em seu coração bem intenso amor à pátria portuguesa. A pena acusa simplesmente o que recata o coração. Machado de Assis quer à língua portuguesa com afeto intenso. Não sei se este afeto ele o confessou alguma vez. Sei que praticamente o afirma nos seus livros, quase em cada página.

Sou dos muitos ou dos poucos que presumem que nossa língua só se fala em geral e escreve bem aqui, aqui, neste encantador recanto em que nasceu, e que Deus compensou com as grandes glórias que lhe deu, e das quais não é ela a mínima por certo, da material pequenez de que o quis. Aqui medrou, aqui bracejou ramagens, copou, se cobriu de flores e de frutos – e de que flores e frutos se cobriu! -, aqui se fez grande, fazendo-se pura, nobre, flexível, doce, forte, o que é. Aqui e em nenhuma parte mais. Não há na amplidão do mundo, longe de nós, de nossas almas e corações, do azul do nosso céu, e do fulgor do nosso sol, lugar onde a donosa e a um tempo viril língua portuguesa haja ganho louçainhas e galas que não tinha. Os maiores escritores do Brasil em todo tempo são os que menos se apartam pela língua, embora se distingam pela índole e feições do engenho, de seus iguais de Portugal. Não cito nomes. Fora duvidar de mim, de vós e do que afirmo, redizer exemplos. Seja Machado de Assis o único que cito. Não pretendo asseverar que não haja nos mais ilustres escritores brasileiros, que não haja em Machado de Assis brasileirismos. Há. E nem sempre bons, nem sempre plausíveis. Reconheço-os. Mas há-os até em portugueses. E usados com moderação e o tato fino inseparável dos escritores que valem, podem ser e são, não raro, donaire e garbo. Castilho, na deliciosa versão que fez do *Sonho de uma noite de S. João*, usa em um lanço, talvez em mais, mas com certeza em um, e tem, ao usá-lo, infinda graça e não menor arrojo, de brasileirismo

que me seguram trivial na boca das senhoras brasileiras falando, com adorável pieguice, de seus filhos pequeninos. Mas em todos, tais desmandos e como que intencionais esquecimentos da norma, da lei, da tradição são apenas de palavra, ainda quando a ação dela a mais se estende, como no gracioso caso a que aludi.

Há destes, repito, e algum haverá dos outros em Machado de Assis. Mas a sua absoluta ausência em certas páginas, nas do já citado *Segredo do Bonzo*, por exemplo, onde sua existência fora incompatível com o propósito engenhoso do escritor, afiança que só os cometeria, quando não é por inevitável lapso de sua pena experiente e certa, por indeclinável necessidade. No encantador capítulo a que aludo e que atribue a Fernão Mendes Pinto há um: pomada e pomadista. Mas o escritor explica a brasileira e ingrata neologia em uma nota. Era necessária.

Este resultado, que não lograram outros sob outros aspectos singularmente dotados escritores, alguns até que mais direto e duradouro trato tiveram com a terra portuguesa, revela no coração deste escritor um sentimento que não pode ser indiferente a nosso coração, em seu espírito predicados – flexibilidade, poder de adaptação – que não devem ser indiferentes a nosso espírito.

É nestas condições e prendas, tão evidentes em Machado de Assis, que se não faz mister para encontrar-lhe-as penetrante ou demorado exame, que fundo meu parecer favorável à sua candidatura a sócio correspondente da Academia, mais de uma vez trazida à minha reflexão por alguém que é para mim amigo tão querido quanto para todos é escritor ilustre. Não requer a lei acadêmica estudo seguido e demorado de todas as várias expressões do engenho do escritor proposto à honra que pela rareza tem de reputar-se insigne. Deve bastar, para admissão justíssima, a existência em grau subido de predicado de valia.

Em Machado de Assis não acho um, encontro três. A fecundidade que importa entre outros, a faculdade do trabalho e o vivo amor da arte; o *humour*, um *humour* fino, abundoso, penetrante, que seu coração faz quase sempre bom, raras vezes áspero, nunca azedo ou cru; por último esta grande e série prenda, de um fino amor à senhoril, à altiva, à amorosíssima língua portuguesa, traduzido em respeito, afirmado em culto que o faz credor do nosso afeto e aplauso.

A Academia honrando, pois, com o diploma que solicito de sócio correspondente, um escritor a todos os respeitos estimável e a muitos certamente insigne, honra ao mesmo tempo o Brasil de que ele é glória indiscutível e Portugal de cuja língua e espírito é tão sério cultor e amador tão fino.

Sala das sessões em 7 de junho de 1901.

José de Sousa Monteiro.

A sessão de literatura aprova o precedente parecer. – Sala das sessões em 3 de junho de 1904.

Silveira da Motta

Henrique Lopes de Mendonça